

A Revista como Fonte de Pesquisa.¹

Kátia Aily Franco de Camargo

Resumo:

O objetivo do presente artigo, extraído de um trabalho maior, é apresentar, de maneira sistemática, a revista como fonte de pesquisa e a importância de se estudar o meio de difusão no qual se insere um determinado corpus documental para melhor compreender sua significação. Nesse sentido, partiu-se de uma explanação teórica sobre o objeto revista, diferenciando-o do jornal e do livro e centrando-se, em seguida, na metodologia de pesquisa a ser adotada ao se trabalhar com uma revista. Para tanto, utiliza-se, como exemplo, o estudo da afamada revista francesa Revue des Deux Mondes.

Palavras-chave: revista; metodologia; *Revue des Deux Mondes*.

Abstract

This article, that is a small part of a doctoral thesis, has for objective to present, in a systematic way, the magazine as a source of research and the importance, to understand its meaning, to study the way that a specific document has being diffused. In this direction, we started with a theoretical discussion about magazine, differentiating it of the newspaper and the book. After that, we tried to describe a kind of a methodology to work with a magazine. To be clearer we presented, as an example, the study of the famous French magazine Revue des Deux Mondes.

Key-words: magazine; methodology; *Revue des Deux Mondes*.

Há alguns anos, quando decidi trabalhar com a renomada revista francesa *Revue des Deux Mondes*, o periódico, de maneira geral, já era objeto de muitos estudos acadêmicos na área de humanidades. Procurei em vão, no entanto, um estudo que sistematizasse o trabalho com tais fontes. Colegas me perguntavam o motivo da minha enquête, uma vez que minha pesquisa versava sobre as imagens do Brasil difundidas, durante o século XIX, por uma série de publicistas que escreviam na *Revue des Deux Mondes*. Segundo eles, tendo esses autores percorrido as terras brasileiras por motivos vários, deveriam, portanto, ser encarados como viajantes e seus textos como relatos de viagem, não importando, dessa forma, o veículo de difusão no qual se inseriam. Convencida do contrário, coloquei-me a estudar a *Revue* e percebi o quanto estaria equivocada se desvencilhasse os artigos sobre o Brasil, que pretendia estudar, de seu meio de propagação.

O estudo de publicações periódicas pode proporcionar ao pesquisador possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse numa determinada época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e seus leitores.

¹ Este artigo é parte de uma pesquisa: "A Revue des Deux Mondes: *intermediária entre dois mundos*" realizada com o financiamento da Capes.

em relação aos acontecimentos, o jornal se situa no tempo curto da notícia. Benoît Lecoq, no entanto, insere aí um terceiro objeto de distinção: o livro. Segundo esse autor, a revista é uma intermediária intelectual e também material entre o jornal e o livro. Deve-se ainda considerar o título dos periódicos: há aqueles que são considerados revistas tanto pelo seu título quanto pela sua aparência e conteúdo; há os que se autodenominam revistas, mas que não o são de fato e há aqueles que não se definem como revista e que, no entanto, o são devido a seu formato, conteúdo etc..

Em 1860, Edmond e Jules Goncourt imprimiam nas páginas de seu *Journal*: “A moral dos homens de letras, você a quer em duas palavras? O livro é um *honnête homme* e o jornal é uma meretriz”. Léon Blum complementa, em 1894, essa definição: “As revistas não são livros. Não seria justo criticar um artigo de revista por sua confecção rápida e superficial. Ele não tem caráter eterno. Não é pensamento sob sua forma definitiva. Mas também não é a crônica jornalística que se lê tomando um chocolate” (Pluet-Depatin, *et al.* 2002, p. 11 e 12)³.

No Brasil, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), a palavra revista tem seu primeiro registro no ano de 1833, bem próximo, portanto, da sua dicionarização na França.

Nesse sentido, pode-se dizer que a definição do objeto revista só é possível se comparado ao jornal e ao livro. A primeira distinção, portanto, refere-se à sua relação com o tempo. O jornal, cotidiano, factual, restringe-se às informações obtidas ao longo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, *a priori*, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador com seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão e também de ação. De outro lado está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral, uma trajetória ímpar, singular.

As revistas, escreve o prospecto da *Revue nationale*, são, pela natureza de sua publicação, os órgãos da imprensa mais apropriados ao estudo das grandes questões de política, economia social, ciências e arte... A ação de um bom livro é muito lenta e bastante restrita sobre os espíritos. Por outro lado, os jornais cotidianos, qualquer que seja o mérito de seus redatores, não podem, por falta de tempo e de espaço, estudar profundamente as questões para delas retirar soluções práticas. Além disso, sua existência fundamenta-se em interesses particulares que cerceiam a liberdade da redação. (Bellanger, *et al.*, 1969, p. 306)⁴.

Dessa maneira, trabalhar com artigos de revista significa, em primeiro lugar, investigar seu veículo de difusão, pois ele influencia diretamente a significação dos textos nele inseridos. Portanto, quando da realização de nossa pesquisa sobre as imagens do Brasil difundidas pela *Revue des Deux Mondes* durante o século XIX, nos foi necessário, primeiramente, saber o que foi essa revista, quando e como foi fundada, quais eram seus propósitos, sua linha de edição, quem eram seus autores e leitores, e também qual era seu aspecto, isto é, seu formato, número de páginas, se

³ Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa.

engajam a cooperar em sua redação viram os países estrangeiros, os habitaram por muito tempo; alguns aí exerceram, até mesmo, importantes funções, e devem à sua experiência nos negócios uma visão ampla. *Revue des Deux Mondes* estará isenta do espírito de sistema que preside, em geral, aos trabalhos desses literatos nômades que viajam e escrevem tão rapidamente. Após tantos livros falsos, o livro mais original que se pode publicar deve ser um livro *verdadeiro*, e, a esse respeito, nos será permitido contar com um acesso real.

A *política*, como nós a entendemos, é uma ciência das mais abrangentes. Ela se compõe do direito dos povos e do direito público; cuida ao mesmo tempo dos tratados que unem ou uniram os governos entre si, causas, em geral, secretas que modificaram esses mesmos tratados, forças de que cada país pode dispor, suas instituições gerais e locais, seus recursos financeiros comparados com suas despesas em tempo de paz e em tempo de guerra, a influência que exerce sobre outros países, a opinião pública, os ódios ou afeições nacionais, em uma palavra, tudo aquilo que constitui a organização e a vida dos povos.

Os jornais cotidianos deram, até o momento, pouco espaço aos *debates parlamentares* dos diferentes Estados da Europa e da América. Nós informaremos sobre os debates parlamentares em suas relações com a política externa, ou as grandes questões de administração que poderiam despertar o interesse da França. Às vezes, aquilo que nos preocupa pode estar preocupando, ao mesmo tempo, um outro ponto do globo, e essa não será uma das ligações menos interessantes que oferecerá esse periódico, ou seja, ver os mesmos princípios diversamente compreendidos e aplicados na França e na Inglaterra, no Brasil e na Alemanha, às margens do Delaware e sobre a costa do mar do Sul.

Dessa forma, a *Revue des Deux Mondes* terá todo o mérito de uma novidade histórica. Desejando mesmo facilitar os desenvolvimentos que lhe são suscetíveis, nós admitiremos observações picantes e novas relativas aos costumes, às crenças religiosas e ao caráter das nações estrangeiras. Frequentemente, os costumes de um povo revelarão as razões de suas leis. Em geral, a *Revue* trará, a esse respeito, um grande número de informações curiosas e, em sua grande maioria, inéditas; mas essa parte, ainda que importante, deverá sempre deixar um largo espaço aos documentos da *política*, da *diplomacia* e da *administração*. (p. 1-3)⁵

Nesse texto de abertura são expostas as pretensões diante do público leitor e da França em especial. Desde sua primeira aparição, portanto, a *Revue*, entendendo-a aqui como representante de uma certa camada da população francesa, a elite burguesa, está se colocando *em relação com* o estrangeiro para poder se conhecer melhor, assim como os sucessos e os fracassos desse outro estrangeiro. É preciso conhecer o outro para poder dele adotar aquilo que é conveniente e/ou apropriado para a França, para que essa possa melhor organizar sua sociedade.

Esse estar *em relação com* só é possível graças ao seletivo corpo de colaboradores, composto por pessoas conhecedoras do estrangeiro, que aí viveram por muito

⁵ Tradução nossa.

caráter documental:

De alguns meses para cá, o público o sabe, nós temos dado à *Revue des Deux Mondes* um novo e amplo desenvolvimento. Não nos arrependemos das diligências, das solicitações, tampouco dos sacrifícios de toda espécie realizados para obter a colaboração ativa e assídua dos melhores pensadores e dos nomes mais ilustres. Já os sábios mais distintos, os viajantes que haviam trazido das longínquas excursões curiosas lembranças, os renovadores da nova escola histórica, os discípulos da nova escola poética, responderam a nossa solicitação, e, hoje, podemos contar dentre nossos redatores habituais Blanache, Leminier e Quinet, Dumont d'Urville e Auguste de Saint-Hilaire, Alfred de Vigny e Sainte-Beuve.⁷

[...]

E uma vez que a simpatia pública nos auxilia e nos encoraja, nós não descuidamos, de tempos em tempos, de abordar com [illegível] e com grandes desenvolvimentos, algumas das questões atuais e vitais que os acontecimentos levantam em passant. Rivalizaremos com as revistas alemães e inglesas, para acelerar na Europa a compreensão popular de pontos importantes da ciência econômica e política. A exemplo da *Edinburgh Review*, da *Quarterly Review*, da *Foreign Review*, daremos notícias detalhadas sobre os artistas e os poetas mais eminentes das nações estrangeiras. Tomaremos emprestado, sempre que necessário, dos periódicos publicados do lado de lá do Reno ou da Mancha. Agarraremos nosso bem por todos os lados onde o encontramos, como fazia Molière de Tabarin, de Scarron e de Cyrano.

Nós competiremos em interesse e variedade com os *Magazines* publicados em Londres, para a distração da aristocracia; e nosso quadro nos permitirá, no entanto, tratar, como os periódicos mais sérios, com consciência e gravidade, os problemas sociais mais obscuros e espinhosos.

[...]

Nós o esperamos, e podemos desde já prometer: a *Revue des Deux Mondes*, em 1832, será o órgão mais ativo do progresso e do aperfeiçoamento. (s.p.)

Auguste Aulfray, no entanto, desliga-se rapidamente do negócio e, no dia 6 de maio de 1833, François Buloz, amparado financeiramente por Félix e Florestan Bonnaire, compra a *Revue des Deux Mondes* pelo valor de quatro mil francos. Dá-se

⁷ Pierre Simon Ballanche (1776-1847): escritor francês, autor de obras obscuras, permeadas por um cristianismo romântico, nas quais se esforçava para conciliar o tradicionalismo com a filosofia do progresso; Leminier (1803-1857), publicista francês, ocupou a primeira cadeira de Legislação Comparada do Collège de France; Edgard Quinet (1803-1875), historiador e político francês, professor do Collège de France, viveu muitos anos do outro lado do Reno; Jules Sébastien Dumont d'Urville (1790-1842), navegador que dominou o cenário da exploração marítima francesa durante a primeira metade do século XIX; Saint-Hilaire (1779-1853), naturalista francês, autor de extensa obra sobre o Brasil; Alfred de Vigny (1797-1863), escritor monarquista e católico, partilhava das convicções dos jovens poetas do cenáculo romântico e Sainte-Beuve (1804-1869), crítico literário francês. Cf. MOURE, M. *Dictionnaire d'histoire universelle*. Paris: Ed. Universitaires, 1968. E *ENCYCLOPAEDIA Universalis*. Version 9. Paris, 2004.

ter dois mil, por volta dos anos de 1840.

Inicialmente, a *Table des matières* da *Revue des Deux Mondes* dividia-se em quatro seções – Viagens, História-Filosofia, Literatura e Ciências e Variedades –, cada uma composta de curtos artigos assinados. A partir de 1832, no entanto, passa a apresentar quatro ou cinco artigos mais longos e uma crônica, redigida na véspera de sua publicação: a famosa *Chronique de la quinzaine*. Em 1834, somam-se às partes já existentes a Revista Literária do mês, assinada pelo político Hippolyte Fortoul, a Revista Musical assinada por Henry Blaze de Bury e o *Salon*, por Gustave Planche. George Sand e Alfred de Musset responsabilizam-se pela parte de romances e poesia; Jacques Ampère e Xavier Marmier dividem os artigos sobre os países nórdicos; Edgar Quinet e Henri Blaze de Bury ocupam-se da Alemanha, a Inglaterra fica aos cuidados de Philarète Chasles e Gustave Planche, e a Espanha aos de Antoine Fontaney. Sainte-Beuve e Gustave Planche escrevem a crítica literária; Lermnier e Loève Veimars respondem pelas questões de ordem política e social. Pode-se resumir assim o primeiro quadro de colaboradores da *Revue des Deux Mondes* sob o reinado de Luís Filipe (1830-1848).

Dessa época, 1838, data o primeiro *bilan* da obra de François Buloz por ele mesmo, no qual os dois mundos abrangidos pelo periódico estão harmoniosamente relacionados:

Eis os objetivos, em vista dos quais, a *Revue des Deux Mondes*, de origem ainda recente, é publicada:

Literariamente, para tornar a *Revue* a mais completa que já pudesse ter aparecido ou que possa parecer – levando-se em conta o conjunto de escritores que sobemos agrupar em torno desse periódico do qual não se podem afastar.

Politicamente, para ajudar a ordem estabelecida, mas no sentido do progresso e dos governos que a ele se dedicam e dedicando-se a esses com o mesmo pensamento. Em pouco tempo, as esperanças dos fundadores foram ultrapassadas.¹⁰

Os acontecimentos de 1848, na França, que buscam pôr fim a um sistema elitista, colocam em questão a harmonia da *Revue des Deux Mondes* (*Revue* - público leitor - ideologia política dominante). Buloz percebe que a instabilidade interna da França pode prejudicar oportunidades futuras; decide, então, ampliar seu leque de leitores aumentando seu investimento no mercado internacional, sobretudo, no europeu, além de diversificar ainda mais os gêneros e as formas de apreensão da realidade¹¹, como se pode verificar nas citações que seguem.

¹⁰ Institut de France, Fonds Spoelberch de Lovenjoul, Papiers François Buloz, H 1429-1432. Tradução nossa.

¹¹ Cf. LOUÉ, T. 1998, t. 1, p. 75. “[...]Buloz elaborou uma estratégia voluntarista de conquista dos mercados estrangeiros e de leitores europeus, numa época em que a língua e a cultura francófonas ainda banhavam as elites européias. Nesse sentido, a dialética da *Revue des Deux Mondes* e de um grupo de leitores sociologicamente determinado por ‘*gens du monde*’ continuava a base da visão buloziana, mesmo no momento em que a França estava abolindo o sufrágio censitário em prol do universal. Tornava-se necessário então voltar-se para o exterior”. Tradução nossa.

François Buloz morre em 1877, e seu filho Charles Buloz assume a direção da *Revue*¹⁵.

Sr. Vignet, presidente, toma a palavra e relembra os primórdios da *Revue*. Ela lutou durante muito tempo antes de atingir o sucesso que seu fundador, Sr. François Buloz, lhe proporcionou. Ele ajudou imensamente na propagação, no estrangeiro, das idéias e da literatura nacional. Na França, ergueu o nível moral e deu o gosto das leituras sérias. Enfim, durante o cerco, teve a rara coragem de protestar contra a força editando a *Revue* apesar das dificuldades de toda espécie e, durante a Comuna, a despeito de todos os perigos. Hoje, o Sr. Buloz não está mais entre nós, faleceu, deixando a *Revue* em um estado de prosperidade que ninguém ousava esperar. Vendido pelos trabalhos incessantes assim como por uma cruel e inexorável doença, ele parou, legando a seu filho o laborioso dever de não deixar periclitar a obra de sua vida. Já em 15 de março de 1870, o Sr. Charles Buloz havia sido nomeado Diretor-gerente da *Revue* para substituir seu irmão...¹⁶

É interessante mencionar o efeito dessa morte na imprensa da época, uma vez que ela reflete a opinião que se tinha da *Revue des Deux Mondes*.

O julgamento do Sr. Buloz em literatura não era propriamente literário, era um julgamento industrial, muito fino aliás e muito seguro.

[...]

O Sr. Buloz, e este era o principal defeito de sua personalidade, preferia naturalmente as vias conhecidas às vias novas, a correção à inspiração, o tom capaz à emoção pessoal.

Ele acabou por estabelecer uma forma de artigo, com introdução e subdivisões, a qual impunha como um molde a todos os trabalhos que lhe eram apresentados. Tais eram suas preocupações de uniformidade, que com todo seu tato de industrial literário, não via o tédio que se desprendia de suas maneiras de agir e o prejuízo que uma respeitabilidade tão devota fazia a sua *Revue*.

[...]

Pois bem, que os homens que serão chamados a dirigi-la não se esqueçam: uma empresa como a *Revue des Deux Mondes* é sucesso quando se substitui o espírito de conservação pela juventude, inspiração, iniciativa, eu diria mesmo, pela audácia. (Loué, T., 1998, p. 107)¹⁷

A crítica a uma espécie de uniformidade dos artigos e autores da *Revue* causada pelo excesso de zelo de seu diretor é um consenso; no entanto, ela tem uma

¹⁵ François Buloz havia perdido seu primogênito, Louis Buloz, vítima de uma doença implacável, aos 27 anos de idade. Louis havia sido preparado para substituir seu pai e desde cedo ocupava o cargo de gerente da *Revue des Deux Mondes*. Sua morte súbita obriga Charles, praticamente sem preparo, a assumir o cargo de diretor da revista.

¹⁶ Institut Mémoire de l'Édition Contemporaine, Archives de la *Revue des Deux Mondes*, Procès-verbal de l'assemblée générale des actionnaires de la *Revue des Deux Mondes*, du 17 fév. 1877, fol. 106-107. Tradução nossa.

¹⁷ Tradução nossa.

Sua intenção era fazer com que a revista fosse ao mesmo tempo sujeito-ativo e objeto-receptivo da história.

Nesse sentido, proibia a publicação de textos de escritores cujo estilo era muito inovador e as idéias muito ousadas, pois corria o risco de perder seu leitor burguês. No entanto, os artigos publicados na *Revue des Deux Mondes* abrangiam os mais variados temas; nela, a ciência e a imaginação tinham seu espaço, contemplando literatura, música, política, história, geografia, medicina, viagens etc. Por sua variedade, acabava interessando a todos, tornando-se uma revista da família.

Charles Buloz

Informações sobre Charles e sua administração são bastante exíguas. Um único publicista, Adolphe Racot, em artigo editado pela revista *Le livre*, de 1884, fornece alguns elementos bastante curiosos para quem já sabe o que virá depois:

O diretor da *Revue des Deux Mondes* é um homem de cerca de quarenta anos, de semblante jovem e natural, maneiras distintas e cortês, cujo principal traço exterior é uma vontade calma e enérgica. A cabeça se mantém sempre erguida, seu olhar pra frente, sem dureza nem provocação, com a firmeza tranqüila do homem que conhece sua força e não tem mais necessidade de impô-la. O bigode ruivo, duro, um pouco embaraçado, os cabelos pouco espessos, da mesma cor, completam a expressão ativa e perseverante de um rosto que se anima somente no momento certo. À primeira vista, percebe-se o homem intimamente devoto à obra que se tornou sua, decidido a nunca deixá-la periclitlar entre suas mãos, capaz de colocar, como se diz, a mão na massa, não hesitando em acertar, ele mesmo, os pequenos como os grandes detalhes; vendo tudo, dirigindo tudo, controlando tudo ele próprio... (p. 59)¹⁹

Até meados dos anos de 1880, quando atinge cerca de 25 mil assinantes, o sucesso econômico da *Revue* era apenas um reflexo da excelente direção de Buloz pai, isto é, de sua capacidade de identificar talentos e gênios literários. A partir desse momento, até a Primeira Guerra Mundial, inicia-se uma situação de “mal-estar” e a revista chega a perder metade de seus assinantes.

A crise que atinge a edição francesa na década de 1890, transformando o editor em simples gerente de sociedades anônimas, assim como o incremento da literatura “comercial”, democratizando o espaço de produção e de circulação do impresso e tendo como consequência um aumento desmedido da concorrência, são algumas das causas desse mal-estar, pois passa a existir uma defasagem entre o discurso da *Revue des Deux Mondes* e o contexto político e ideológico instaurado pela República. Nesse sentido, com o intuito de se manter, a *Revue* passa a atuar como um órgão de oposição, ligando-se a instituições que eram contra o poder vigente. Esse movimento de oposição é tão acirrado que a própria língua francesa torna-se um instrumento de defesa. Lendo as páginas da *Revue des Deux Mondes*, percebe-se a permanência de determinadas regras gramaticais herdadas de Claude Favre, mais conhecido como Senhor de Vaugelas, já criticado por Molière em seu tempo,

¹⁹ Tradução nossa.

selecionada, sem ilustração, sem propaganda, permaneceram como modelo de revista cultural... (p. 75 e 77)

O novo diretor assume uma nova postura. Sem eliminar os antigos colaboradores, renova o círculo de autores, modifica a forma de participação desses, concentrando ainda mais o corpo de redatores. As formas de coleta de informação, no entanto, continuavam as mesmas, privilegiando-se as relações de interconhecimento e os meios de sociabilidade constituídos pela própria revista ao longo de toda sua existência.

Nesses anos de 1890-1900, pode-se, portanto, falar da existência de um grupo de intelectuais *Revue des Deux Mondes*, pois essa foi a grande mudança introduzida por Brunetière; ele concentrou em torno de si um conjunto de pessoas com uma coerência ideológica e mesmo religiosa, católica, muito forte. O perfil de seus assinantes também se modifica. A própria Ana Luiza Martins, ao discorrer sobre o intelectual brasileiro Eduardo Prado, católico fervoroso, salienta o fato de, a partir de 1895, ele ter se tornado assinante da *Revue des Deux Mondes*.

Nesse sentido, quando procurei identificar e analisar as imagens do Brasil elaboradas pelos publicistas da *Revue des Deux Mondes* em seus artigos sobre nosso país entre os anos de 1831 e 1893, me foi imperioso levar em consideração seu meio de divulgação, e todas as imbricações a que estavam submetidos, como bem sintetiza Roger Chartier em seu artigo “Do livro à leitura” (1996):

... [o] próprio objeto impresso [...] trás [sic] em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e os limites de sua possível recepção... (p. 95)

...Os dispositivos tipográficos têm, portanto, tanta importância ou até mais, do que os ‘sinais’ textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto... (p. 98)

Do contrário, se desconsiderasse o meio de propagação no qual se inseriam, no caso a *Revue des Deux Mondes*, o sentido dos artigos se modificaria podendo, assim, serem analisados como simples relatos de viagem – principalmente àqueles publicados posteriormente em formato livro –, ou, então, como testemunho individual de temas específicos, que estão sendo objetos de estudo por parte de algum pesquisador, como, por exemplo, a temática indígena, a escravidão, a floresta etc.

O traçado metodológico que propusemos neste artigo teve o objetivo de revelar a importância do estudo do suporte impresso no qual se insere um *corpus* determinado. Trabalhamos aqui com a revista, diferenciando-a do jornal e do livro e nos detivemos no estudo da *Revue des Deux Mondes*, poderíamos, no entanto, estender essa nossa preocupação aos demais tipos de publicação. Fica aqui a sugestão.

Referências

BELLANGER, C.; GODECHOT, J.; GUIRAL, P.; TERROU, F. (dir.). **Histoire générale de la presse française 1815 à 1871**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

INSTITUTO Antônio Houaiss. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

LAROUSSE, P. **Grand dictionnaire universel du XIXe. siècle**. Paris: Redon, 2003. 2 DVD-ROM.

LE LIVRE du centenaire. **Cent ans de vie française à la Revue des Deux Mondes**. Paris: Revue des Deux Mondes; Librairie Hachette, 1929.

LOUÉ, T. **La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunnetière**. De la belle époque de la Revue à la Revue de la Belle Époque. França: Atelier National de Reproduction de Thèses, 1998, t. 1.

MARTINS, A. L. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

MOURE, M. **Dictionnaire d'histoire universelle**. Paris: Ed. Universitaires, 1968.

PLUET-DEPATIN, J. Une contribution à l'histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, N.; TREBITSCH, M. (dir.). **Sociabilités intellectuels. Lieux, milieux, réseaux**. Paris: Cahiers de l'Institut d'histoire du temps présent, n. 20, p. 125-136, mars 1992.

PLUET-DEPATIN, J.; LEYMARIE, M.; MOLLIER, J.-Y. **La belle époque des revues 1880-1914**. Paris: Éditions de l'IMEC, 2002.

POMMIER, J. François Buloz et sa Revue des Deux Mondes. In: _____. **Dialogue avec le passé**. Paris: Librairie A. G. Nizet, 1967.

PROCHASSON, C. **Les années électriques (1880-1910)**. Paris: Éditions la Découverte, 1991.

RACOT, A. Les étapes de la Revue des Deux Mondes. **Le livre**. Paris, fev. 1884, p. 54.

RAMICELLI, M. E. **Narrativas itinerantes: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos do século XIX**. Tese (Doutorado) - FFLCH-USP. São Paulo, 2004.

REVUE des Deux Mondes, Paris, t. I, 1829.

REVUE des Deux Mondes, Paris, v. 4, t. 4, 1831.